

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Michelle Zilli Monsú

**OS PRINCÍPIOS DE LÓCZY E A PRÁTICA PEDAGÓGICA
NA EDUCAÇÃO DE BEBÊS**

Porto Alegre
2. semestre
2012

Michelle Zilli Monsú

**OS PRINCÍPIOS DE LÓCZY E A PRÁTICA PEDAGÓGICA
NA EDUCAÇÃO DE BEBÊS**

Trabalho de conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Carmen Silveira Barbosa.

Porto Alegre
2. semestre
2012

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo estudar de que forma os princípios norteadores de Lóczy dialogam com a minha prática educativa, realizada com bebês de seis meses a um ano de idade. A pesquisa, de cunho qualitativo, tem como referencial os estudos de Tardos (2011), Pikler (1973), Falk (2011), Appell (2010) e David (2010), apresentando um panorama histórico do instituto Lóczy e seus princípios, a saber: o valor da atividade autônoma; a importância de uma relação afetiva de qualidade entre adulto e criança; a necessidade de propiciar ao bebê o conhecimento de si e do seu entorno; a importância de um bom estado de saúde. A metodologia utilizada consistiu em analisar fontes documentais: Relatório final do estágio curricular obrigatório do curso de Pedagogia, planejamentos e reflexões, memórias sobre o vivido no período de estágio cotejando-as com os princípios de Lóczy. Os resultados demonstram a viabilidade do diálogo com os referidos princípios nos momentos de alimentação, troca de fraldas e higiene, essenciais para a relação e conhecimento mútuo, valorizando aspectos como os movimentos livres, as iniciativas dos bebês, o respeito ao corpo e ao tempo da criança, bem como na organização do espaço e escolha dos materiais utilizados nas propostas, incentivando a autonomia e liberdade de movimento. Como também na atitude do adulto de disponibilidade e atenção, intervindo apenas quando necessário, dando a eles o tempo de que necessitam, esperando seus movimentos e respostas, mantendo contato visual e procurando antecipar com palavras as ações realizadas.

Palavras-chave: **Práticas pedagógicas em berçário. Atividade autônoma do bebê. Cuidar/educar.**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 LÓCZY E SEUS PRINCÍPIOS NORTEADORES.....	6
3 SENTIR, VIVENCIAR, EXPERIMENTAR, DESCOBRIR.....	11
4 METODOLOGIA	15
5 DIÁLOGOS POSSÍVEIS	17
5.1 O VALOR DA ATIVIDADE AUTÔNOMA.....	17
5.2 A IMPORTÂNCIA DE UMA RELAÇÃO AFETIVA DE QUALIDADE ENTRE ADULTO E CRIANÇA.....	22
5.3 A NECESSIDADE DE PROPICIAR AO BEBÊ O CONHECIMENTO DE SI E DO SEU ENTORNO	27
5.4 A IMPORTÂNCIA DE UM BOM ESTADO DE SAÚDE	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute como os princípios norteadores do Instituto Lóczy, que atualmente leva o nome de sua fundadora Emmi Pikler, se refletiram em minha prática docente durante o estágio obrigatório. Para tanto, buscou-se analisar como esses princípios podem dialogar com a prática educativa num contexto de Educação Infantil, tendo claro que não se trata de uma tentativa de aplicação dos mesmos, mas de buscar refletir sobre as práticas educativas que podem ser construídas a partir do diálogo com esses princípios norteadores.

Para alcançar os objetivos estabelecidos, pensou-se nas seguintes questões: Que relações podemos fazer entre os princípios norteadores do Instituto Lóczy e a prática docente em um contexto de Educação Infantil brasileiro? Como esses princípios podem ajudar a pensar a prática pedagógica com crianças bem pequenas? Que práticas educativas podem ser construídas a partir do diálogo com esses princípios norteadores?

A educação de bebês em espaços coletivos é assunto de meu interesse desde que ingressei na Faculdade de Pedagogia e comecei a trabalhar em uma Escola de Educação Infantil como auxiliar em uma turma de berçário. Muitas questões foram surgindo, o que fazer com bebês tão pequenos? Como fazer? Como lidar com os pais, com suas dúvidas, medos, exigências? Ao longo do Curso de Pedagogia, poucas dessas dúvidas foram sanadas. Acredito, com base em minha experiência como aluna, que o currículo seja muito amplo, abordando várias áreas da Educação, mas sem aprofundar-se em alguma.

Em busca de respostas, realizei diversas leituras de estudo, que me levaram a conhecer o trabalho de Emmi Pikler e o “Modelo Lóczy”. O Instituto Lóczy é uma instituição destinada a crianças órfãs, em um contexto que valoriza a sua condição humana como sujeitos de emoções, de movimentos e de interações. Sua prática educativa baseia-se na importância das relações, da comunicação, da organização do espaço para contemplar a atividade autônoma dos bebês e na participação no cuidado com o corpo.

No segundo capítulo trago um panorama histórico do Instituto Lóczy, trazendo suas experiências e produções de conhecimento sobre o acolhimento e cuidados aos bebês, seus estudos e pesquisas sobre o desenvolvimento dos pequenos e o

reconhecimento das possibilidades e necessidades de desenvolvimento das crianças de 0 a 3 anos de idade.

No terceiro capítulo, apresento uma contextualização da minha experiência de estágio curricular obrigatório e também da Turma onde o estágio foi realizado.

O quarto capítulo apresenta a metodologia utilizada para a realização do trabalho, que teve como principais instrumentos de pesquisa o relatório final e diários de aula, planejamentos e reflexões, além de minhas memórias sobre o vivido no período de estágio.

O quinto capítulo tem como objetivo analisar como os princípios norteadores do Instituto Lóczy dialogam com a prática educativa num contexto de educação infantil, especificamente durante minha prática de estágio curricular obrigatório. Buscando refletir sobre as práticas educativas que podem ser construídas a partir do diálogo com esses princípios norteadores.

Por fim, trago as considerações finais, onde levanto hipóteses de como elementos presentes nos princípios podem ser pensados como conteúdos curriculares para bebês e crianças pequenas.

2 LÓCZY E SEUS PRINCÍPIOS NORTEADORES

O instituto Lóczy é uma instituição húngara, localizada em uma rua de mesmo nome, na cidade de Budapeste, fundado no período pós II Guerra Mundial, em 1946, com o intuito de abrigar o grande número de crianças de zero a três anos de idade que perderam suas famílias, ou cujas famílias não tinham condições de atendê-los em virtude da guerra.

Lóczy atualmente leva o nome de sua fundadora, Emmi Pikler, que ao assumir a responsabilidade pelo orfanato, decidiu que aquele seria diferente dos demais, oferecendo às crianças uma melhor qualidade no atendimento, e conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida a elas. Isso seria possível colocando em prática a ideia de que o bebê é uma pessoa desde seu nascimento, um sujeito que é parte ativa de seu próprio desenvolvimento, que se dá na atividade e na autonomia. O modelo que Pikler desenvolve em Lóczy tem como base o respeito e confiança na capacidade dos bebês. Em circunstâncias institucionais, ela pôs em prática seus princípios educacionais baseados na experiência que ganhou no trabalho com as famílias dos bebês que atendia. Os princípios de Lóczy, no momento em que foi fundado, eram embasados em quase trinta anos de pesquisas e experiência no trabalho com bebês.

A pediatra Emmi Pikler dedicou sua vida ao trabalho com bebês e crianças pequenas. Como pediatra trabalhou no Hospital Markhof, onde já se interessava pelo desenvolvimento da criança. Pikler tinha uma ideia revolucionária de que bebês, ainda que recém-nascidos, são indivíduos competentes com seu cronograma próprio, e devem ser tratados com respeito. No Hospital Universitário, ensinava aos futuros pediatras, em primeiro lugar, a atender bebês e crianças pequenas com atenção, tendo ciência de que são pessoas, e não objetos a serem manuseados. Assim, eles deveriam fazê-lo da maneira menos desagradável possível para a criança.

O respeito aos pequenos não se dava apenas no atendimento médico, mas em todos os momentos em que a criança passava no hospital. Elas não ficavam o tempo todo na cama, eram preparados para elas espaços de jogos, adaptavam a vestimenta das crianças para permitir que se movimentassem livremente, e momentos ao ar livre eram garantidos por várias horas ao dia, nas varandas e

janelas adaptadas, sendo inverno ou verão. Os pequenos eram bem protegidos do frio, mas nunca impossibilitados de se movimentar.

Além de desenvolver esses cuidados no atendimento às crianças, criou o que ela chamava de primeiro mandamento aquele onde, nas palavras de Falk: “a criança pequena se há de examinar ou aplicar mesmo o tratamento mais desagradável, sem fazê-la chorar, tocando-a com gestos delicados, compaixão, considerando que nas mãos se tinha uma criança com vida, sensível e receptiva” (FALK, 2011, p.17).

Fica claro o respeito pela autonomia da criança, a paciência com suas iniciativas próprias e com seu ritmo, a ternura e a delicadeza dos gestos de quem as cuida. Esses são elementos que compõem a essência do método e contribuem para o seu crescimento pessoal e intelectual, que mais tarde Pikler adotaria também em Lóczy.

Foi trabalhando no serviço de cirurgia do hospital que Emmi Pikler percebeu um fato interessante quanto às estatísticas de acidentes. As crianças do bairro operário vizinho ao hospital, que brincavam livremente pelas ruas, sofriam menos acidentes e a incidência de traumas e fraturas era menor do que a encontrada entre as crianças de famílias ricas. Essas últimas criadas em um ambiente superprotetor, com movimentos e brincadeiras restritos e supervisionados. A partir da análise e reflexão sobre o fato, Pikler estava certa de que aquelas crianças que se movem livre e irrestritamente são mais prudentes, visto que aprenderam a cair sem sofrer maiores danos. Já as crianças que tem seus movimentos limitados e superprotegidos, são mais propensas a sofrerem acidentes, pois não tiveram experiências que permitissem conhecer seus próprios limites e capacidades (FALK, 2011).

Emmi Pikler acreditava que a criança busca por desafios sozinha. Ela procura situações difíceis sempre que sente que já tenha vencido os desafios anteriores. Acredita que essa criança carregará por toda vida o espírito de iniciativa, o interesse pelo descobrimento do mundo e o prazer da iniciativa rica e autônoma. O essencial é que a criança descubra sozinha o máximo de coisas possíveis. Se a ajudamos a solucionar todas as suas tarefas, tiramos justamente aquilo que é o mais importante para seu desenvolvimento intelectual. Uma criança que obtém algo por meio de experimentos autônomos adquire um conhecimento completamente diferente de uma criança a quem se oferece previamente a solução.

Assim, a pediatra e seu marido, que era pedagogo, decidiram colocar em prática suas ideias na criação de seu primeiro filho. Respeitaram seu ritmo pessoal de desenvolvimento, assegurando a ele possibilidades de ter iniciativas autônomas, de movimentar-se livremente e de brincar com independência. Com o sucesso no desenvolvimento de seu filho, Pikler levou suas ideias para o seu trabalho de pediatria familiar, onde ensinou os pais de mais de 100 bebês, durante dez anos, a educarem seus filhos.

Os princípios ensinados aos pais baseavam-se nas ideias desenvolvidas ao longo dos anos de experiência no trabalho com as crianças pequenas. O primeiro era ter confiança na capacidade de desenvolvimento de seus filhos, sem intervir de maneira direta nas brincadeiras e movimentos das crianças. Mas criando e oportunizando condições, segundo as necessidades específicas da criança, de que ela inicie suas atividades de maneira cada vez mais variada e desafiadora. Também se deve organizar a rotina do bebê de forma a respeitar seu ritmo de dormir e despertar, uma alimentação equilibrada que leve em consideração principalmente a vontade da criança, garantir o máximo de momentos ao ar livre, tanto no inverno quanto no verão.

Outro princípio fundamental é a importância dos momentos de cuidado pessoal. Momentos de alimentação, de higiene, de trocas de fralda, de banho e de vestir a crianças são momentos cruciais de interação entre adulto e criança. Durante todas essas atividades, deve-se sempre ter como prioridade as necessidades e reações dos pequenos. Não se pode ter pressa, e deve-se incentivar a participação dos bebês, antecipando verbalmente todas as ações a serem realizadas, dando tempo à criança de se preparar e poder participar a sua maneira.

No ano de 1946, quando Emmi Pikler foi encarregada de organizar e dirigir o orfanato da rua Lóczy, ela assumiu o desafio de demonstrar que mesmo em uma instituição era possível criar condições para o desenvolvimento pleno das crianças, tanto do ponto de vista físico, quanto psíquico. Ela acreditava que para tornar realidade o desafio, o caminho estava nos princípios e métodos estruturados em seus trabalhos com os bebês e famílias. Esses princípios foram a base do funcionamento do instituto Lóczy, e amplamente desenvolvidos ao longo de sua trajetória.

Para que as crianças se desenvolvessem adequadamente, era necessário elaborar meios de utilização do método no âmbito institucional. Para tanto era

preciso organizar as condições e ensinar aqueles que trabalhariam ali (FALK, 2011). Foi difícil fazer com que o pessoal realizasse um bom trabalho, havia muita resistência a um estilo de trabalho que não conheciam.

Tornou-se então imprescindível um treinamento específico para esses educadores, onde deveriam aprender, fundamentalmente, que cada criança precisa de cuidado contínuo de um adulto, de modo pessoal e consistente. Ao ver cada criança como competente de acordo com o seu estágio de desenvolvimento, os adultos nunca pedem às crianças que façam mais do que elas já podem fazer. Os educadores aprendem a tocar as crianças suavemente, o toque afetuoso do adulto diz à criança que ela é importante e que está segura. Essas mãos então se tornam algo em que ela pode confiar e afetam a criança de maneira positiva. Aprendem a permitir que cada criança experimente atividades iniciadas a partir de seu próprio interesse, e que brinquem sem a intervenção direta dos adultos. Mas devem estar atentos e à disposição para quando as crianças precisarem deles, pois elas não podem se sentir abandonadas sob quaisquer circunstâncias.

O cuidado e a atenção dados ao treinamento dos cuidadores, a fidelidade aos princípios elaborados por Emmi Pikler, e as observações, pesquisas e estudos longitudinais sobre o desenvolvimento do bebê e das crianças pequenas e de suas condições de desenvolvimento realizados no próprio instituto, garantiram o êxito da experiência de Lóczy. Um estudo de 1972 da Organização Mundial de Saúde (World Health Organization) revelou que bebês criados sem os pais no Instituto Pikler atingiram pontuações tão altas quanto aqueles educados em casa em escalas sociais, profissionais e de ajuste emocional, legitimando o êxito de Lóczy, sua concepção, princípios fundamentais e métodos.

O instituto ficou conhecido internacionalmente, em especial, pela publicação do livro “Lóczy ou Le maternage insolite”, em 1973, que desde então foi traduzido para diversos idiomas. Na obra, as autoras francesas Myriam David, psiquiatra infantil, e Geneviève Appell, psicóloga, analisam os princípios fundamentais das atividades e os aspectos mais importantes do funcionamento do instituto.

Lóczy, atualmente, Instituto Pikler-Lóczy de Budapeste, reúne hoje um orfanato que acolhe crianças do seu nascimento aos sete anos de idade, uma escola infantil que recebe crianças de seis meses a três anos e um centro de pesquisa e formação reconhecidos internacionalmente. Para realizar este trabalho de conclusão de curso, eu utilizo os princípios norteadores da instituição, conforme

estão sistematizados no livro de Myriam David e Geneviève Appell, “Lóczy, una insólita atención personal”. De acordo com as autoras, pode-se sintetizar em quatro grandes referencias os princípios de Loczy:

O valor da atividade autônoma; A importância de uma relação afetiva de qualidade entre adulto e criança; A necessidade de propiciar ao bebê o conhecimento de si e do seu entorno; A importância de um bom estado de saúde. Sendo este último não somente a base dos princípios precedentes, mas também é o resultado deles. (DAVID; APPELL, 2010, p.23).

Estes quatro princípios tem igual importância, e o projeto educativo de Lóczy funciona justamente porque os quatro se complementam e são praticados simultânea e constantemente. Embora separados para fins de análise, formam um conjunto indissociável, onde o descuido com qualquer um deles tornaria inviável a existência dos outros três (DAVID; APPELL, 2010).

3 SENTIR, VIVENCIAR, EXPERIMENTAR, DESCOBRIR

Neste capítulo pretendo apresentar a minha de estágio curricular obrigatório, realizada em uma turma de berçário, no primeiro semestre de 2012. A turma, no período da minha prática, era composta por nove bebês, sendo quatro meninas e cinco meninos, entre seis meses e um ano de idade. E também por quatro professoras, responsáveis pelos bebês das 7h30min às 13h30min.

Antes de iniciarmos a prática de estágio propriamente dita, tivemos duas semanas para fazer observação da turma na qual efetivamente realizaremos nossa prática docente. A intenção dessas semanas de observação é permitir que nos familiarizemos com o ambiente, é uma possibilidade coletar dados sobre a instituição, de conhecermos a sala, as crianças, as professoras, de buscar informações sobre a turma e sobre as professoras, para que possamos conhecê-las melhor, e iniciar a formação de um vínculo, tanto com os adultos como com as crianças. Este período também é importante para fazermos anotações, registrando nossas impressões, estranhamentos e questionamentos, que nos ajudarão a iniciar a prática.

Devemos ter presente que observar requer intencionalidade e objetivos. Quando iniciamos a observação já devemos ter uma ideia daquilo que queremos observar, isto é, buscar uma informação precisa, a fim de aprofundar nossos conhecimentos. Mas também devemos estar abertos ao inusitado, para a surpresa, para aquilo que não estava planejado. Só assim podemos ver o que a situação está realmente nos indicando, e não somente aquilo que queremos ver a partir dela. Devemos estar atentos, abertos, para poder perceber indícios que nos permitam iniciar uma documentação. Definindo quais são os aspectos relevantes, aqueles que mereçam ser acompanhados, registrados e analisados.

Foi tomando como base esse período inicial do estágio, a observação, que iniciei a elaboração do projeto que guiou a minha prática: Sentir, vivenciar, experimentar, descobrir. As crianças desta turma estavam passando por uma fase de grandes mudanças em suas vidas, para muitas era a primeira experiência de convívio social fora do meio familiar. Elas estavam conhecendo novos ambientes, pessoas, crianças, sentimentos e rotinas. Portanto, minha intenção foi desenvolver um projeto onde a organização do espaço físico, as situações propostas, a relação

entre adultos e crianças, a interação entre crianças, os momentos de cuidados como alimentação, higiene e sono valorizassem o sentir, o vivenciar, o experimentar e o descobrir. Para tanto, minhas propostas deveriam contemplar diversos âmbitos:

MATERIAL - objetos de diversas formas, cores, tamanhos, pesos, texturas, temperaturas e materiais.

MUSICAL - sons ou objetos, do corpo, a voz, músicas de Cds variados.

HISTÓRIAS - histórias contadas, lidas, com fantoches, dedoches, varal, livros sensoriais.

SOCIAL – a indissociação entre cuidar/educar nos momentos de alimentação, higiene, trocas e sono, relação entre adultos e bebês, entre os bebês e crianças maiores, entre colegas, relação com o ambiente de sala de aula, e também outros espaços da escola e fora dela.

Percebendo que o bebê é um sujeito ativo, capaz de construir o seu conhecimento, pretendi propiciar que esta construção ocorresse num ambiente favorável, repleto de estímulos e desafios planejados de acordo com suas necessidades e interesses. Através dessa intencionalidade foi que justifiquei meu projeto: Sentir, Vivenciar, Experimentar e Descobrir. Onde o objetivo geral era propiciar situações, ambientes e propostas repletos de oportunidades que favorecessem o sentir, o vivenciar, o experimentar e o descobrir, através do brincar. De modo prazeroso e constante, sem barreiras, com ações que transmitam segurança, criem vínculos e sejam ricas em sutilezas de ações. Essas descobertas, sentidas, vividas e experimentadas no brincar é que ajudarão no desenvolvimento das habilidades que as crianças estão aperfeiçoando, como noção de espaço, consciência corporal, percepções, linguagem e habilidades motoras.

A observação não foi importante apenas nesse período inicial, ela esteve presente durante todo o meu estágio curricular. Foi através da observação durante a minha prática docente que pude conhecer melhor os bebês, seus hábitos, seus interesses, suas preferências, seus modos de ser e agir nos mais diversos espaços e, assim, acompanhar de forma mais individualizada a participação de cada bebê. Como se deu sua participação frente às propostas, sua reação diante dos desafios, seu relacionamento com as demais crianças, tanto com os colegas de turma, quanto com as crianças de faixa etária diferente, com as professoras da turma e outros adultos da escola, nos diversos momentos da rotina e espaços da creche.

Essas observações ao longo do semestre, e a posterior análise de seus registros, foram fundamentais para a construção do projeto como um todo, para pensar minha prática e propostas, aprimorando o trabalho docente. Pois através delas se fez possível pensar na organização do espaço físico, nas situações propostas, na relação entre adultos e crianças, na interação entre crianças, nos momentos de cuidados, de forma a contemplar as necessidades e interesses de cada bebê.

O registro escrito e visual também foi parte fundamental da minha prática docente durante o estágio obrigatório. Ele se deu de forma escrita, em forma de caderno ou diário, onde anotamos os acontecimentos e situações do dia a dia, nossas impressões sobre o ocorrido, os sentimentos, dúvidas e inquietações que nos causaram, e que podemos, e devemos, ler e reler para ver o que estamos fazendo de bom e o que precisamos aprimorar. Conforme as autoras Ostetto, Oliveira e Messina (2001, p. 11): “Registrar as histórias do cotidiano educativo é necessidade vital do educador.”.

Ao longo do meu estágio realizei muitos registros. Descrevi meu projeto, justificando e apresentando meus objetivos. Elaborei meus planos de aula, com a escrita do roteiro do dia, as propostas a serem desenvolvidas com seus procedimentos e materiais de apoio. Descrevi detalhadamente o desenrolar de cada dia, acrescentando minhas ideias e impressões. Assim, através do registro de minhas observações, produzi vários documentos, e o objetivo principal destes era refletir sobre os planejamentos e sua adequação em relação às necessidades dos bebês, e ter indícios sobre os rumos que poderia tomar para garantir essa adequação e aprofundar ideias a serem pensadas e elaboradas para aplicação futura. Afinal,

O registro do observado é um recurso fundamental para auxiliar a memória. Ele pode ser considerado como um suporte externo da memória, cuja finalidade é evitar a perda das manifestações significativas das crianças, pois são inúmeras as histórias, as situações, as interações vividas por crianças e professores no âmbito da sala de aula. Momentos intensos, marcados ora pela alegria, ora pela tristeza. Momentos de contemplação e de admiração. Momentos, na sua essência, reveladores de concepções e de conhecimentos, por isso, merecedores de serem narrados, dignificados, conhecidos, analisados, reinterpretados, admirados e refletidos. O registro da vida em sala de aula é essencial para a compreensão do que se faz e do por que se faz, pois as experiências vividas no dia-a-dia vão constituindo a história daquele grupo de crianças e daquele professor. (MENDONÇA, 2009, p. 67).

Contudo, como é difícil escrever e descrever as situações que os bebês estavam criando, sentindo, vivenciando, experimentado e descobrindo, na hora em que elas ocorriam, utilizei como recurso e como um suporte para a minha memória a máquina fotográfica. Assim, contando com a riqueza de detalhes contidos nas inúmeras sequencias fotográficas, eu podia descrever tudo mais tarde em meus relatórios. Sem perder as sutilezas das situações, focando minha atenção no que estava ocorrendo, sem ter que me ocupar de descrevê-los na hora em que acontecem.

As fotografias também foram incluídas em meu projeto. Planejei um mural na parede externa da sala, onde coloquei fotos dos bebês que registravam vários momentos da nossa semana, dividindo assim esses momentos, tanto com os pais, quanto com os outros alunos e funcionários da escola. As fotos eram trocadas a cada semana, possibilitando a todos acompanhar o nosso percurso juntos ao longo do semestre.

A partir da documentação – escrita e visual - realizada durante meu período de estágio obrigatório, através dos relatórios, diários de aula e fotos, e dos princípios norteadores do Instituto Pikler-Lozsy, conforme sistematização de David e Appell teço os capítulos analíticos deste trabalho de conclusão de curso.

4 METODOLOGIA

Este trabalho é uma pesquisa de cunho qualitativo, realizado através de análise de fonte documental, baseada nos documentos produzidos por mim durante meu estágio curricular obrigatório em Educação Infantil, realizado em uma turma de berçário, no período de março a junho do ano de 2012. O estágio, dividido em duas semanas destinadas à observação da turma e treze semanas de prática pedagógica, totalizando quinze semanas, faz parte do Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Rio grande do Sul, sendo requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

O referido estágio foi realizado em uma instituição pública na cidade de Porto Alegre/RS, que funciona, ininterruptamente, das 7h30min às 18h30min, sendo que as famílias podem optar por turno integral ou parcial. As turmas estão organizadas de acordo com a faixa etária e tem as seguintes designações: Berçário, Maternalzinho, Maternal 1, Maternal 2, Jardim A e Jardim B. A ocupação das vagas se dá por meio de seleção, que ocorre através de avaliação socioeconômica com entrevista, de acordo com edital publicado anualmente a partir do mês de novembro, onde constam as vagas oferecidas para cada turma. O ingresso das crianças novas acontece no mês de março de cada ano.

Um dos objetivos institucionais da Creche, conforme consta no Regimento Interno, é "... Contribuir e participar como campo de ensino, pesquisa e extensão para a UFRGS". Estes objetivos têm sido atendidos através de projetos, estágios e pesquisas, desenvolvidos em conjunto com diferentes Faculdades/Escolas da Universidade. Todos os anos, a instituição é procurada por alunos que desejam realizar estágios curriculares, observações para trabalhos de disciplinas, coletas de dados para pesquisas, teses e dissertações, assim como trabalhos de conclusão de curso, possibilitando um intercâmbio com a graduação e pós-graduação, através de seus professores e alunos.

Para a realização dessa pesquisa foram utilizados documentos como diários de aula, projetos de trabalho, avaliações individuais, planejamentos e reflexões, além de falas, impressões acerca das situações vivenciadas e de minhas memórias sobre o período de estágio. Afinal, segundo Bravo (1991), são documentos todas as realizações produzidas pelo homem que se mostram como indícios de sua ação e

que podem revelar suas ideias, opiniões e formas de atuar e viver. No entanto, a principal fonte de pesquisa a ser utilizada será o relatório final de estágio, que foi elaborado durante o sétimo semestre do curso de Pedagogia, especificamente para a disciplina de Estágio de Docência – 0 a 3 anos e Seminário da Prática Docente – 0 a 7 anos, ministrada pelos professores Gabriel Andrade Junqueira Filho, Maria Carmem Silveira Barbosa e Susana Rangel Vieira da Cunha. Este relatório tem sua base nas semanas de observação e prática, no período de 12 de março a 21 de junho de 2012. O estágio curricular obrigatório retratado foi realizado no turno da manhã, das oito horas ao meio dia, de segunda à quinta-feira, período em que eu colocava em prática o planejamento pedagógico por mim elaborado no decorrer da semana anterior. A prática docente que realizei, e da qual resultaram os registros que aqui serão analisados, esteve sob a orientação da Prof. Dra. Maria Carmem Silveira Barbosa.

A partir do relatório final, e dos estudos que aqui apresento sobre o Instituto Lóczy e seus princípios norteadores, tentarei, a seguir, analisar como esses princípios se refletiram em minha prática docente durante o estágio obrigatório, e como eles podem dialogar com a prática educativa num contexto de Educação Infantil.

5 DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Conforme mencionado no capítulo anterior, trago neste capítulo as análises que fiz relacionando a minha prática durante o estágio obrigatório e os princípios norteadores de Lóczy, tendo claro que não se trata de uma tentativa de aplicação dos mesmos, mas de buscar refletir sobre as práticas educativas que podem ser construídas a partir do diálogo com esses princípios norteadores, mesmo que em países e épocas distintas.

Com o objetivo de melhor organizar as análises, abordei cada um dos quatro princípios de Lóczy individualmente, em subcapítulos. Considero importante salientar que como os princípios são intimamente ligados, alguns aspectos serão trazidos em mais de um momento, mas dando ênfase à perspectiva que estará sendo analisada no subcapítulo em questão.

5.1 O VALOR DA ATIVIDADE AUTÔNOMA



Os panos estavam espalhados pela sala, e o André, que já estava se arrastando por curtas distâncias, começou a ensaiar um engatinhar para alcançar os panos que estavam mais distantes dele. Quando o George viu o colega de quatro tentando, e às vezes conseguindo, sair do lugar ficou muito contente, ria e batia palmas. Engatinhou rapidamente até o colega e dava batidinhas com a mão em

seu bumbum, como se incentivasse o colega a ir adiante. Conforme André se deslocava, George o acompanhava balbuciando para ele, e fazendo carinho em sua cabeça. Nós incentivávamos com palavras o André a continuar engatinhando, e o George a continuar ajudando o colega. Assim eles foram, George engatinhando, André semi engatinhando, até que chegaram na casinha. Lá ficaram, brincando de esconder e aperecer, eles permaneceram nessa brincadeira por vários minutos, foi lindo de se ver! (RELATÓRIO FINAL, 09 de abril de 2012).

Na cena descrita acima André tem total liberdade de movimentar-se, guiado por seus próprios interesses. Ele sente segurança em se arrastar e usa como base o movimento que já domina para experimentar outros, agora ele tenta engatinhar. Mas o faz por sua iniciativa, sem ser fisicamente ajudado, ou instigado a tal. Ele recebe o apoio das educadoras através de olhares e comentários feitos à distância, que reconhecem as suas conquistas, mas não interferem diretamente na atividade do bebê.

Desenvolver o prazer pela atividade autônoma é fundamental para as crianças pequeninas, pois através dela eles vivem experiências que garantem um desenvolvimento global harmonioso. Para que as atividades dos bebês sejam significativas para eles, é importante salientar que elas devem partir da iniciativa da própria criança. Corroborando com essa ideia, Tardos e Szantos-Feder afirmam:

A investigação experimental descobre cada vez mais facetas da competência da criança. A ciência também nos ensina que todo ato desejado e executado ativamente pelo sujeito tem para este consequências imediatas e, a longo prazo, muito mais enriquecedoras que os aos impostos e suportados. (TARDOS; SZANTOS-FEDER, 2011, p.40).

Para que isso seja possível é preciso que o adulto propicie ao bebê a liberdade de movimento, permitindo que ele se movimente livremente, sem a intervenção direta do adulto, que deve sim protegê-lo dos perigos. Os bebês não precisam que o adulto estimule diretamente seus movimentos, ou que os ajude a realizá-los, pois essas atitudes tornam a criança passiva e dependente. O adulto deve estimular a atividade motora dos bebês, mas de maneira indireta, sem interferir nos movimentos das crianças. Deve organizar o espaço de forma a propiciar a atividade autônoma dos bebês, de maneira rica e estimulante que desperte o interesse das crianças a movimentar-se e explorá-lo por si só. O papel do adulto é fundamental, pois é ele quem deve, a partir das necessidades e interesses dos

bebês, selecionar materiais e brinquedos diversificados e adequados ao seu desenvolvimento, além de organizar o ambiente de forma desafiadora e segura. Corroborando com essa ideia, trago as palavras de Barbosa:

Alguns pesquisadores observaram que, quando os espaços nas escolas estão bem planejados, o professor deixa de ser o único foco de atenção das crianças, e o próprio ambiente chama as crianças pequenas para diferentes atividades. Assim, uma das tarefas principais de um professor de bebês é criar um ambiente onde as crianças possam viver, brincar e ser acompanhadas em suas aprendizagens individualmente e também em pequenos grupos.

Os ambientes precisam ser coerentes com as necessidades das crianças, proporcionando situações de desafio, mas também oferecendo segurança. Quando bem pensados e propostos, incitam as crianças a explorar, a serem curiosas, a procurar os colegas e os brinquedos, isto é, elas podem escolher de modo autônomo. (BARBOSA, 2010, p.8).

O respeito ao ritmo de cada bebê também é fundamental para que ele sinta a segurança necessária em realizar os movimentos que já domina, e assim experimentar outros. Isso não significa que o adulto deva ser ausente, ao contrário, deve estar por perto, observando e demonstrando interesse na criança e em suas conquistas, mas sem intervir. Deve manifestar-se a distância, fazendo comentários que reconheçam os avanços do bebê, pois assim o ajuda a ter consciência de seus próprios avanços. Quanto a esta participação indireta do adulto, Falk reforça:

(...) o não intervencionismo na atividade independente da criança não significa abandoná-la: algumas trocas de olhares, algum comentário verbal, uma ajuda em caso de necessidade, o compartilhamento da alegria com quem está feliz, tudo isso indica à criança que ela é uma pessoa importante e querida. (FALK, 2011, p.27).

Garantir aos bebês a autonomia implica em uma mudança de olhar. Em nossa sociedade, de forma geral, o bebê é visto como alguém que não sabe nada, ele é um vir a ser, a quem temos que ensinar tudo, ou pelo menos, nas palavras de Tardos (2011, p.41), “alguém a quem teremos que fazer exercitar suas capacidades segundo nos pareça importante para seu desenvolvimento”. Para que as crianças sejam autônomas, é preciso percebê-las de outra maneira: competentes desde que nascem, ativas por si mesmas e com uma riqueza de iniciativas e espontaneidade de interesses por tudo aquilo que as rodeia. As condições do meio no qual está inserida são determinantes para possibilitar aos bebês que realizem essas experiências.

Durante meu período de estágio as atividades e materiais propostos partiram sempre da observação e do respeito ao interesse e possibilidades de cada criança. Embora a proposta parta de mim, os bebês participam conforme suas possibilidades e vontades. Pensar propostas e materiais a serem oferecidos aos bebês e a forma de oferecê-los segundo a sua disposição no espaço, são formas de criar um ambiente rico e organizado de forma a propiciar a atividade autônoma dos bebês. Para ilustrar meu pensamento trago o seguinte exemplo:

Para a segunda semana de prática, a partir do interesse que percebi das crianças em relação a feixes e reflexos de luz, pretendo introduzir propostas que envolvam luz e sombra. Pretendo colocar papel celofane colorido nas janelas, para brincar com as cores no ambiente da sala e também fazer móveis com o mesmo papel, para que as crianças experimentem os reflexos que esses podem produzir. Também utilizaremos como recurso o projetor da escola e papel celofane. As crianças explorarão livremente o papel celofane, colocando e retirando do projetor para descobrir os efeitos da cor e da luz projetados na parede. (PLANEJAMENTO DA 2ª SEMANA DE PRÁTICA, 02 de abril de 2012).

Para que os bebês possam vivenciar experiências significativas, devemos percebê-los como sujeitos capazes, respeitando as atividades que realizam por sua própria iniciativa. Cabe ao professor tornar o ambiente rico e desafiador, levando em conta os interesses das crianças percebidos nas observações diárias. Como eu fiz, trazendo para os bebês, por exemplo, o papel celofane e o projetor. Mas a maneira de interagir e explorar esses materiais deve partir da iniciativa de cada bebê, de acordo com seu interesse e curiosidade no momento.



(...) utilizamos novamente como recurso o projetor da escola e papel celofane. Começamos brincando com as folhas de papel celofane de cores diversas. Felipe e Gustavo brincaram bastante com os papéis, não se interessaram muito pelo

projektor ou pelas projeções coloridas nas paredes, preferiram brincar com o celofane.



André descobriu que colocando sua mão no projetor, ela aparecia na parede. A novidade fez com que ele ficasse maravilhado, dando gostosas gargalhadas, passou todo o tempo colocando as mãos alternadamente no projetor, e depois, mais uma descoberta: também dá para colocar as duas mãos ao mesmo tempo!



Marina também fez uma descoberta fantástica: os objetos que ela colocava no projetor apareciam na parede. Ela saiu em busca de brinquedos variados para colocar no projetor, mas deu preferência àqueles vazados, onde colocava e tirava os dedinhos para ver a sombra aparecendo e sumindo.

George não quis participar da nossa brincadeira, e nem se aproximou depois como costuma fazer. Ao contrário, passou várias vezes entre o projetor e a parede onde estávamos projetando e não se interessou em vir brincar. Ele tem se mostrado bastante independente, estava bem contente, explorando a sala em busca de outras brincadeiras para fazer. (RELATÓRIO FINAL, 14 de junho de 2012).

Como podemos perceber a partir do relato, cada bebê brinca da sua maneira, segundo sua livre iniciativa. Filipe e Gustavo brincaram com os papéis, não se interessando pela projeção, André preferiu brincar com o próprio projetor, e George não quis participar da brincadeira. Todos eles foram respeitados, brincaram de maneira autônoma, sem ajuda ou intervenção das professoras.

5.2 A IMPORTÂNCIA DE UMA RELAÇÃO AFETIVA DE QUALIDADE ENTRE ADULTO E CRIANÇA

Durante minhas semanas de prática docente pretendo oferecer às crianças novos materiais, novas situações e propor novas maneiras de se relacionarem entre si, com as professoras e com os ambientes. Darei especial atenção aos momentos de alimentação, higiene e sono, pois acredito que além de serem momentos de grande intimidade, onde podemos fortalecer vínculos, eles também são momentos educativos, logo, não podem ficar de fora do meu planejamento. (PLANEJAMENTO DA 1ª SEMANA DE PRÁTICA, 26 de março de 2012).

Início este subcapítulo com um trecho do meu primeiro planejamento para a prática de estágio, pois acredito que ele ilustre uma das relações da minha prática com o princípio de Lóczy aqui abordado: a importância de uma relação afetiva de qualidade entre adulto e criança. Podemos perceber a importância por mim atribuída aos momentos da rotina, como os de alimentação, higiene e sono. Momentos estes, que acredito serem fundamentais em uma relação de qualidade com os bebês. Isso porque os considero um conteúdo pedagógico, fazem parte das aprendizagens culturais, não apenas um afazer, uma vez que não dissociamos o cuidar do educar. Durante esses momentos de cuidado, procurei sempre observar os bebês, suas reações, dedicando o tempo que fosse necessário, atendendo as exigências individuais de cada um. Também falando com eles, de forma a antecipar o que ia ocorrer, dando ao bebê a possibilidade de participar durante esses momentos, considerando seus gestos de colaboração ou de protesto. Corroborando com esta ideia, Falk (2011, p.25) afirma: “Que não haviam de impor nada às crianças, mas que haviam de fazer esforços para que as crianças tivessem vontade de fazer o que se espera que elas fizessem”.

Fica evidente também, no mesmo recorte que trago do planejamento, a preocupação com as relações, tanto entre adulto e criança, como entre criança e criança, com o ambiente que as cerca e com os materiais. A relação entre adulto e criança afetiva e de qualidade só é possível se partirmos do entendimento de que cada criança é um ser único, com características e necessidades singulares e próprias dela. Seu desenvolvimento depende de sua segurança afetiva, da qualidade das relações que se estabelecem não só com os adultos, mas também com outras crianças, materiais e objetos do ambiente que a cerca.



George chegou, despediu-se tranquilamente de sua mãe, e foi logo procurar seu colega André para brincar. André também ficou muito contente ao ver o colega e foi engatinhando em sua direção. Não é a primeira vez que eles fazem esse jogo, o George engatinha e olha para trás, chamando André, que atende o chamado e corre na direção do colega. George se afasta e se aproxima, e quando os meninos se encontram, brincam com algum brinquedo que George escolhe para eles. Hoje brincaram com o bico do George, os dois ficaram um longo momento colocando e tirando o bico na boca dele. (RELATÓRIO FINAL, 03 de maio de 2012).

Um momento como este, onde George despede-se tranquilamente de sua mãe, e procura uma interação com seu colega, só se faz possível por haver uma segurança afetiva. Uma relação afetiva de qualidade com a mãe, com as professoras e com seu colega. Percebe-se também a autonomia dos bebês, e a brincadeira de iniciativa deles próprios, que estavam livres da intervenção dos adultos tanto para interagir entre si, quanto para explorar livremente o espaço e objetos.

Esse reconhecimento, e, portanto o respeito à singularidade do bebê é fundamental tanto para as práticas de cuidado – alimentação, sono, higiene e troca – como para o desenvolvimento das crianças. A segurança afetiva se constrói a partir da qualidade do vínculo com o adulto, na medida em que este mantém uma estabilidade em suas ações do dia a dia com o bebê. A importância da troca de olhares com o bebê, de dar a ele o tempo necessário para suas respostas, de antecipar com palavras todas as ações a serem realizadas, permite a participação e o consentimento do bebê nos momentos de atenção individualizada. Uma relação afetiva de qualidade implica, justamente, na qualidade do tempo que se passa com a criança. Não significa, portanto, estar todo o tempo com a criança. Não é a presença constante que garante a qualidade, mas a presença comprometida, atenta e respeitosa. É uma presença que valoriza e respeita também a importância dos momentos individuais do bebê.

Valorizar o estar só não quer dizer que as crianças devam ficar sozinhas, pelo contrário, conforme David e Appell (2010, p.26) “a educadora está sempre por perto e os dois estão constantemente em um raio de escuta e de visão mútua”. Os bebês devem perceber a presença do adulto, e este deve estar atento às atividades e reações das crianças para poder responder a elas quando necessário.

Consideramos ainda que a atitude de não interferir nas atividades, brincadeiras e interações dos bebês e de não dispersá-los com diversas fontes de interesse ao mesmo tempo, também é uma questão relacional. Respeitar a brincadeira autônoma iniciada pelo bebê, não interrompendo essa atividade com distrações diversas, é uma forma de relacionar-se com ele respeitando sua individualidade.





Heloísa chegou, brincou um pouco com as caixinhas, mas se interessou mais em descobrir o corpo do colega Felipe, que permaneceu deitado, permitindo que a colega o explorasse. Eles ficaram um bom tempo juntos, Felipe às vezes fazia expressões de desconforto, mas logo procurava Heloísa para que continuasse a “massagem”. Eles permaneceram nessa brincadeira por mais de meia hora, em alguns momentos Felipe choramingava, estabelecendo limites à exploração de Heloísa, que respeitava o “recado” do colega. Logo, ela fazia outra investida, e voltava a procurá-lo, chegava mais perto, os dois trocavam olhares. Ela ficava atenta observando as reações dele, como se esperasse seu consentimento, voltando a tocar o colega apenas quando este sorria para ela. (RELATÓRIO FINAL, 21 de maio de 2012).

Neste relato percebemos que os bebês exploram-se através do olhar, do toque e dos balbucios, ambos interagindo no encontro. Heloísa e Felipe brincaram juntos, aprendendo a se relacionarem e a respeitar os limites do outro. As professoras não interferiram em nenhum momento, deixando que eles brincassem, mas estavam ali, atentas e disponíveis para intervir caso considerassem necessário. Segundo Barbosa e Richter,

[...] no cotidiano da creche existe uma riqueza de ações que não são validadas como aprendizagens culturais. O bebê é muito ágil e inventivo; é poderoso em sua capacidade básica de se auto-organizar, auto-gerir, auto-administrar, escolher e tomar decisões para empreender ações e alcançar êxito nos resultados. A ação autônoma, escolhida e realizada pela criança, enquanto capacidade de movimentar-se, disposição para iniciativas nas suas relações com outros, interesse pelo mundo e prazer lúdico de surpreender-se com a imprevisibilidade dos acontecimentos gerados pelo movimento, é uma necessidade fundamental do humano desde seu nascimento. (BARBOSA; RICHTER, 2010, p. 87-88)

Mesmo nos momentos de choro do Felipe, elas deram aos bebês o tempo necessário para que se entendessem sozinhos, possibilitando assim que eles desenvolvam sua autonomia.

As aprendizagens do bebê surgem a partir do contato estabelecido com o mundo, através de tentativas, ou seja, o bebê constrói seu repertório na relação com o outro. Quando Felipe sentia-se incomodado com a presença de Heloísa, choramingava ou fazia expressões faciais sinalizando seu desconforto. O bebê é capaz de estabelecer ou não as relações de convívio e trocas no cotidiano com os adultos e outros bebês, tornando-se único no coletivo.

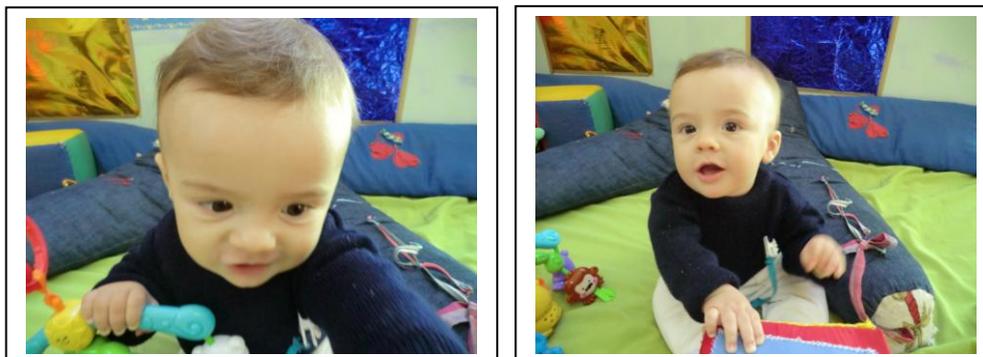
Para que haja aprendizagens nesse encontro do bebê com o mundo temos que pensar os tempos e espaços da creche de forma a propiciar as relações entre adulto e bebê, bebê e bebê. A organização do tempo e do espaço reflete a ideia que os educadores têm de bebê e o papel da educação para as crianças pequenininhas.

A rotina não deve ser planejada em função da limitação do tempo, e sim tendo em conta a qualidade e envolvimento em cada ação realizada e as necessidades específicas de cada bebê. São a estabilidade e a regularidade dos gestos dos adultos que garantem a segurança de que a criança necessita para o progresso de seu desenvolvimento global. As refeições, as trocas de fralda, a hora do sono e da higiene, são as melhores ocasiões para estar junto à criança, atento exclusivamente a ela. Durante essas ocasiões, não se deve ter pressa, temos que levar em conta as necessidades e as reações da criança, dando a ela o tempo de resposta necessário para garantir uma participação efetiva. Sobre esses momentos, Falk (2011) afirma que durante esses momentos de atenção pessoal devemos nos ocupar do bebê sem preocupação com o tempo, com carinho, considerando suas necessidades individuais e reagindo de acordo com seus sinais. E ressalta:

(...) as próprias crianças nos ensinaram gestos delicados e pequenas atenções, e sublinharam, particularmente, o fato de a criança – em qualquer idade – ser sensível a tudo o que lhe acontece: sente, grava e compreende as coisas ou as compreenderá com o tempo, sempre que lhe dermos a oportunidade. (FALK, 2011, p.24).

Portanto, é fundamental para uma relação afetiva de qualidade romper com as representações e com a concepção de criança como um ser passivo e incapaz, totalmente dependente do adulto e compreender a importância das interações e o papel do adulto nessa relação.

5.3 A NECESSIDADE DE PROPICIAR AO BEBÊ O CONHECIMENTO DE SI E DO SEU ENTORNO



Que alegria! Hoje retornaram à escola o André e o Felipe, e segunda-feira retorna a Marina. Felipe retornou falante e sorridente. Semana passada ele estava um pouco choroso, mas hoje, logo que chegou mostrou-se contente sorrindo para as professoras e balbuciando bastante. Perguntei a ele como foi a viagem, ele visitou os avós paternos e só retornou hoje, e ele conversava bastante, como se me contasse tudo em detalhes.

Coloquei o menino no colchão da sala, onde André brincava com o dado de texturas. Felipe pareceu ficar feliz em rever o colega, sacudia os bracinhos e se esticava na direção do amigo, em seguida me olhava e balbuciava como se me chamasse. Eu disse a ele: “Eu vi, Felipe, que tu estás muito contente em reencontrar o André”. Ele novamente riu e balançou os braços na direção do colega, e voltou a falar comigo. Eu respondi: “que bom que tu gostou de voltar Felipe, nós também estávamos com saudade de ti!”. Ele sorriu para mim, e foi brincar com o dado junto com André. (RELATÓRIO FINAL, 03 de maio de 2012).

Conversar com os bebês é muito importante, e não apenas nos momentos de cuidado pessoal, ou quando alguma coisa não vai bem. As conversas devem ser ricas, tanto no vocabulário, quanto no significado, respondendo à procura do bebê, e valorizando atitudes ou características que consideramos positivas nele. É importante também nos referirmos ao bebê pelo seu nome, assim, fica claro que estamos falando com ele, e a fala não se perde no grupo. A cena que descrevi, mostra minha preocupação em felicitar, e responder aos chamados do Felipe, além de demonstrar, tanto física, quanto oralmente, o quanto me importo com ele.

Em seus estudos, Hevesi (2011) constata que, de forma geral, a linguagem utilizada com bebês em berçários trazem traços negativos. Na maioria das vezes consistindo em ordens e proibições, ou em respostas impessoais e sem conteúdo, com um vocabulário pobre. E isso, sobretudo, com as crianças menores justamente

quando começam a falar. A autora defende que devemos conversar com os pequenos, inclusive com os recém-nascidos, evitando a fala mecânica e sem conteúdo, para que a criança possa perceber que a educadora está atenta e disponível a ela, que a escuta, que espera sua resposta, e que reage às suas respostas. Nas palavras de Hevesi:

Desde a primeira infância, as crianças necessitam que a educadora se preocupe com elas, que lhes fale, não apenas nas horas dos cuidados, mas também durante os outros momentos do dia. As crianças procuram com o olhar, e depois com sinais cada vez mais variados de acordo com a idade: pedem a atenção da educadora com a qual tem uma relação de qualidade. (HEVESI, 2011, p.55).

A criança faz uma imagem de si mesma a partir da forma como é tratada, de como a tocamos, lhe acolhemos, de como olhamos para ela, como nos comunicamos com palavras e gestos, como a escutamos e de que tempo dispomos para estar com ela. Os pequenos tomam consciência de si mesmos se demonstramos respeito por eles enquanto pessoa. Segundo Falk (2011, p. 28): “a criança, tendo uma imagem positiva de si mesma, aprende a conhecer sua situação seu entorno social e material, os acontecimentos que a afetam, o presente e o futuro próximo ou distante.” Quando consideramos a criança como pessoa, e não como objeto a ser manipulado, garantimos a ela uma relação afetiva de qualidade, assim a ajudamos a ter segurança e curiosidade em conhecer a si mesma, a explorar seu entorno, a expressar-se e por tanto, a afirmar-se como pessoa.

A regularidade dos acontecimentos no tempo e a estabilidade das situações no espaço garantem segurança à criança, facilitando que ela compreenda quem ela é, o que acontece com ela, o que fazem com ela, o que ela faz, qual é o seu entorno e o que vai acontecer. Quando os momentos de cuidado são estruturados as crianças aprendem cedo a prever o que irá acontecer. A consistência e previsibilidade nas ações com as crianças são importantes para que elas aprendam a tomar consciência de si mesmas e a perceber e compreender o mundo que as rodeia. Para poder explorar o mundo de forma criativa e autônoma, ela deve, ainda, experimentar uma relação afetiva com o adulto. É isso que lhe possibilitará uma disponibilidade interna para explorar o mundo. Se procurarmos atender essas condições, nos proporcionamos à criança a oportunidade de que venha a se organizar de forma autônoma, confiante e saudável.



Quando a comida chegou, ocorreu uma cena muito engraçada: André, que brincava em frente ao colchão com o George, ao ver que os pratos de comida tinham chegado, saiu em disparada, um pouco se arrastando, um pouco engatinhando, em direção às cadeiras de alimentação. Lá chegando, olhava para cima e para as professoras, balbuciando como se pedisse para almoçar. Eu perguntei a ele se ele estava com fome, ele me respondeu sacudindo o corpo e batendo palmas. Pedi então que ele aguardasse um pouquinho, pois o prato dele ainda não havia chegado. Pensei que ele fosse chorar, mas ele esperou, e fez uma festa quando anunciei que sua comida tinha chegado. (RELATÓRIO FINAL, 26 de abril de 2012).

A regularidade dos acontecimentos permitiu ao André saber que era a hora do almoço e que deveria dirigir-se à cadeira de alimentação, pois é lá que ele almoça. Ele sabia, também, que seu pedido para comer seria atendido pelas professoras, e que bastava chamá-las com o olhar e balbucios, pois estas estão sempre atentas às necessidades individuais de cada um dos bebês. Destaco ainda o diálogo com o bebê, sempre explicando o que está acontecendo, o que vai acontecer e o porquê dos acontecimentos.

Os momentos de cuidados, como higiene, trocas de fralda, hora do sono e a alimentação, são momentos em que não estamos cuidando apenas da parte física do bebê. Precisamos ter em mente que os cuidados corporais são também cuidados com o desenvolvimento psicológico. Isso em qualquer idade, mas especialmente nos primeiros anos de vida, onde as necessidades fisiológicas e psicológicas estão intimamente ligadas.



A brincadeira durou mais tempo do que eu esperava, ficamos mais de uma hora envolvidos nela, entre a exploração dos ingredientes e a “pintura”. Todos, inclusive as profes, ficaram bastante melecados, mas nenhum dos bebês se incomodou com isso, pelo contrário, demonstraram interesse nos ingredientes, brincando com eles o tempo todo. Depois da brincadeira, as crianças, uma a uma, tomaram um banho e trocaram de roupa (...). (RELATÓRIO FINAL, 04 de abril de 2012).

O banho é um desses momentos que vão além da higienização, ele ajuda a criança a desenvolver noções que permitem prever e organizar os acontecimentos. Neste dia, quando dei banho na Marina, eu conversei com ela, perguntando se ela já tinha terminado o que estava fazendo, e a convidei para tomar banho. Ela aceitou o convite prontamente, estendendo os bracinhos para mim. O diálogo se mantém por todo o banho, em primeiro lugar, eu mostrei a ela tudo que iríamos usar, como sabonete, xampu e toalha, desta forma permitindo que ela registrasse o que iria acontecer. Depois, fui descrevendo detalhadamente, antecipando tudo o que eu fazia com ela. Sem pressa, respeitando o ritmo da menina, pedindo sua participação e dando a ela o tempo necessário de resposta. É a repetição desses gestos que vai permitir à criança fazer o registro daquilo que acontece com ela e se organizar a partir disso. Por isso a importância de pouco a pouco se estabelecerem rotinas nos cuidados. É assim que o bebê vai, aos poucos, diferenciando os momentos do dia.

Para que os bebês sintam-se a vontade para explorar, e, portanto, conhecer e compreender o mundo a sua volta não podemos controlar ou reprimir a atividade própria da criança. O planejamento, tanto das propostas como da rotina, deve ter regularidade, garantindo a previsibilidade por parte das crianças. Mas não pode ser rígido, deve ser flexível, levando em conta as necessidades dos bebês, investindo e alimentando a autonomia deles.

Devemos respeitar e valorizar as iniciativas e propostas que partem dos pequenos, fazer com que eles tragam suas motivações e desejos para as atividades que realizam. Cabe ao professor, através da observação atenta e interessada, perceber e acolher as “sugestões” dos bebês, contextualizando sua intencionalidade pedagógica, incorporando as ideias numa vivência plena de sentido e de diversão. Acreditar que os bebês têm competência para saber quais são suas próprias necessidades e buscar meios para que eles as satisfaçam, proporciona a eles serem protagonistas de seu próprio desenvolvimento.

5.4 A IMPORTÂNCIA DE UM BOM ESTADO DE SAÚDE



Depois do lanche fomos ao nosso pátio, hoje não convidamos outra turma para brincar conosco, a intenção era sentir esse ambiente. Prestamos atenção aos barulhinhos do pátio, do vento, das folhas balançando, dos passarinhos, das pessoas que passam caminhando. Também ouvimos os “barulhões”, os carros que passavam e outro, que foi muito atrativo às crianças, o de um soprador de folhas. Depois, deitamos para observar a copa da árvore sob a qual nos encontrávamos, o momento foi muito relaxante, tanto que André chegou a dormir deitado na barriga de uma das professoras. (RELATÓRIO FINAL, 09 de abril de 2012).

O trecho do Relatório Final acima apresentado ilustra uma de minhas ações durante o estágio, a de estar com os bebês ao ar livre. Podemos relacionar esta situação, com o princípio de Lóczy que diz respeito à importância de um bom estado de saúde dos bebês. Este princípio é colocado não somente como a base dos princípios precedentes, mas também é o resultado deles. Tendo em vista, que por saúde, entende-se o desenvolvimento global da criança. Segundo Falk (2011), para Emmi Pikler, um bom estado de saúde implicava no conjunto e na harmonia ideal de condições adequadas de vida e de desenvolvimento, elaboradas de maneira reflexiva e detalhada, com base na observação do organismo que vive em seu meio natural. Falk complementa:

E ainda que, naquela época, não se conhecesse o termo 'psicossomático', no modo de agir e pensar de Emmi Pikler, integravam-se indissociada e naturalmente, desde o primeiro momento, a saúde somática e psíquica, a noção de interação do indivíduo com seu meio. (FALK, 1997, p.10).

A definição de saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS), divulgada na sua Constituição, mais de trinta anos depois: "A saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade.", vai ao encontro das ideias de Pikler.

Uma das características marcantes de Lóczy é a exploração ao máximo da vida ao ar livre, nas palavras de Tardos: "Cuidar da saúde dos pequenos tem a ver, por exemplo, com viver, dormir ao ar livre no decorrer do dia, e com a alimentação." (2010, p. 42), oferecendo às crianças atendimento individualizado, que considera as necessidades específicas de cada uma, tanto no que diz respeito às questões de sono, alimentação e higiene, quanto às questões relacionadas desenrolar do dia de cada bebê.

A estrutura da creche onde meu estágio foi realizado oferece uma grande área ao ar livre, contando com três pátios, fato que é de grande importância e que influencia na vivência cotidiana das crianças, pois esses espaços garantem a elas a "possibilidade de estar ao ar livre, em atividade de movimentação ampla, tendo seu espaço de convivência, de brincadeira e de exploração do ambiente enriquecido". (Brasil, 2008, p. 10) Estes espaços são utilizados livremente pelas turmas, não havendo um horário pré determinado para cada uma, o que enriquece ainda mais a experiência, pois permite a interação entre crianças de diversas idades.

Estar ao ar livre, em contato com elementos da natureza, é uma das recomendações do Ministério da Educação (MEC) nos Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil:

(...) atentamos para a necessidade de adoção de estratégias educacionais que permitam às crianças, desde bebês, usufruírem da natureza, observarem e sentirem o vento, brincarem com água e areia, atividades que se tornam especialmente relevantes se considerarmos que as crianças ficam em espaços internos às construções na maior parte do tempo em que se encontram nas instituições de Educação Infantil. (BRASIL, 2006, p. 17).

Em consonância com a recomendação do MEC, e dialogando com os princípios de Lóczy, nossas visitas ao pátio do berçário, e aos outros dois pátios da creche, eram praticamente diárias, e durante esses momentos os bebês eram livres para explorar as possibilidades que aquele ambiente oferece e criar tantas outras. Uma das grandes atrações para os bebês era a areia. O momento da areia é repleto de experimentações. Por vezes, eles colocam um punhado de areia na boca, para experimentar seu gosto, passam areia pelo corpo, para sentir sua textura. Alguns demoram a sentarem-se na areia, outros não gostam de sentir a areia com os pés. Cada um se relaciona com a areia de uma maneira especial, única. Há os que brincam com os utensílios, há os que preferem brincar com a areia pura. E há, ainda, os que não se sentem a vontade em brincar ali. E todas essas opiniões e vontades são respeitadas.



Colocamos os tatames à sombra de uma árvore e oferecemos às crianças brinquedos como baldinhos, pazinhas, peneiras e latas. Felipe e André ficaram concentrados na areia, enchiam as mãos, esfregavam os pés e jogavam para cima. Logo, André começou a observar a Marina brincando, ela estava com um baldinho. Primeiro, ela colocava e tirava o braço na alça do balde, como se fosse uma bolsa. Depois, brincava de se esconder, cobrindo e revelando o rosto. André interessou-se pelo baldinho e o tirou das mãos da Marina, que logo achou uma peneira para brincar, repetindo o esconde-esconde. André interessou-se pela peneira também, mas Marina resistiu às tentativas de André de pegá-lo e engatinhou com o brinquedo para longe do colega.

Maria Eduarda não quis brincar na areia, começou a chorar, acalmando-se apenas quando a colocamos no carrinho. Ela estava com sono, observou a brincadeira dos colegas por alguns instantes, mas logo adormeceu. (RELATÓRIO FINAL, 03 de abril de 2012).

Trago aqui mais um momento do meu estágio onde descrevo as brincadeiras dos bebês no pátio. Quando Felipe e André brincam, explorando a areia podemos perceber o respeito à autonomia e livre brincadeira dos bebês. Na interação entre a Marina e o André, vemos a não intervenção do adulto, que permanece por perto atento e disponível às crianças. Quando Maria Eduarda não quer brincar na areia e adormece, percebemos o respeito à individualidade e necessidade específica de cada bebê. É possível perceber a relação com os quatro princípios de Lóczy, e principalmente, como eles se integram, visto que formam uma unidade coerente. Cada princípio é codependente do outro, e se um deles é abandonado, os outros não podem permanecer.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, trago as considerações finais, onde inicio pensando sobre como elementos presentes nos princípios de Lóczy podem ser pensados como conteúdos curriculares para bebês e crianças pequenas. Momentos como os de alimentação, troca de fraldas, higiene e sono, são essenciais para conhecimento mútuo e o estabelecimento de uma relação de qualidade entre adulto e criança. Além disso, são mais do que uma função a ser cumprida, são momentos de grandes aprendizagens. Sendo a creche um lugar de ampliação das experiências, relações e repertórios das crianças, todas as ações das professoras que exigem uma intencionalidade para a inserção dessa criança num mundo social são práticas educativas. E todas as aprendizagens que essas práticas educativas proporcionam às crianças devem ser consideradas conteúdo. Os momentos de cuidados com o corpo são práticas sociais e culturais indispensáveis para a criança que está conhecendo o mundo,

[...] é preciso lembrar que as crianças pequenas e os bebês aprendem – na corporeidade de suas mentes e de suas emoções – a partir da ação do corpo no mundo, da fantasia, da intuição, da razão, da imitação, da emoção, das linguagens, das lógicas e da cultura. (BARBOSA; RICHTER, 2009, p.26).

O cuidar e o educar estão profundamente ligados, essas aprendizagens que acontecem na interação com o bebê nos momentos de cuidado com o corpo, deveriam ser pensadas como parte de um currículo para a educação de bebês. Essa interação deve ser pensada, planejada, deve ter uma intencionalidade que busque uma função social e que não seja apenas uma ocupação a ser cumprida pelas professoras. Para entender esses momentos como educativos é preciso que não se pense em uma aprendizagem específica ou imediata, mas sim em um conjunto de aprendizagens possíveis através das relações sociais. De acordo com Barbosa,

As práticas sociais que as famílias e a escola ensinam para os bebês e as crianças bem pequenas são as primeiras aprendizagens das crianças e constituem o repertório inicial sobre o qual será continuamente constituída a identidade pessoal e as novas aprendizagens das crianças. (BARBOSA, 2010, p.5).

É preciso que o nosso foco esteja no processo, e não o produto, uma vez que as aprendizagens não se esgotam em um momento de interação, elas continuam acontecendo e se complementando.

As análises demonstram diálogo com os princípios de Lóczy em diversos momentos da minha prática educativa durante o período de estágio. Fica claro perceber como os princípios se efetivam em prática, em ações com intencionalidade pedagógica. Valorizando aspectos como os movimentos livres, as iniciativas dos bebês, o respeito ao corpo e ao tempo da criança, incentivando a autonomia e liberdade de movimento bem como na organização do espaço e escolha dos materiais utilizados nas propostas.

Um olhar mais atento nos permite perceber que os princípios aparecem também nas ações, ou atitudes mais sutis. A concepção que se tem de bebê e seus processos de aprendizagem influencia diretamente na postura pedagógica do educador:

Educar crianças tão pequenas em ambientes coletivos é uma profissão caracterizada pela sutileza. Isso fica evidente em ações que podem ser imperceptíveis, mas que denotam a capacidade da docente de perceber as crianças e agir de forma a contemplar as necessidades dos pequenos. Essa sutileza está presente em atos cotidianos, aparentemente pouco significativos, mas que revelam a importância e complexidade do trabalho docente com bebês. (TRISTÃO, 2004, p. 40).

A visão de bebê capaz, ativo, interativo e autônomo, resulta em uma postura de professor como mediador, e não como protagonista na aprendizagem dos bebês. A intencionalidade das atitudes do adulto nessa posição de coadjuvante pode passar despercebida por aqueles que não têm a mesma visão, e não conseguem captar a complexidade das ações presentes nas relações entre professores e crianças.

Na minha prática, percebe-se uma atitude de disponibilidade e atenção, intervindo apenas quando necessário de forma a permitir que os bebês encontrem, de forma autônoma, suas próprias soluções. Procurando antecipar com palavras as ações realizadas e dando a eles o tempo de que necessitam para organizar as informações e acontecimentos. Esperando seus movimentos e respostas, mantendo sempre contato visual ou por meio da fala, sem necessariamente intervir fisicamente. Todas essas são atitudes onde os princípios se efetivam na prática pedagógica. Uma prática cheia de sutilezas, que respeita a criança como um ser completo, com muitas possibilidades que são apenas diferentes das nossas de adultos.

Outros elementos estão presentes em minha prática durante o estágio e não aparecem em Lóczy, pelo menos não da mesma maneira, visto que se trata de uma instituição de abrigo e não de uma escola. Mesmo assim, estes elementos, como a elaboração de um projeto, a construção de propostas e as intervenções, sejam elas diretas ou indiretas, com intencionalidade pedagógica, estão permeadas pelos princípios norteadores de Lóczy.

Os registros, por exemplo, estão presentes e são parte importante na instituição fundada por Pikler, mas na minha prática eles aparecem não só com o sentido de conhecer e acompanhar a evolução de cada bebê. Mas os registros feitos através de meus escritos e de imagens fazem possível a reflexão sobre a prática e auxiliam a (re)pensar o projeto e a planejar as propostas a serem desenvolvidas com as crianças.

Outro ponto a destacar é o uso das imagens como forma de estar e fazer junto com os bebês, e não apenas para os bebês. As fotografias dos pequenos, nas mais diversas situações e ambientes colaboram para a construção da narrativa da turma, de uma memória, individual e coletiva. Os registros fotográficos possibilitam que os bebês revisitem as suas experiências, e não só com a intenção de lembrar, mas também com o objetivo de oportunizar a eles reconstruir e reinterpretar suas aprendizagens e vivências. As fotografias, e outras marcas feitas pelos bebês, quando valorizadas nas ações pedagógicas, proporcionam às crianças a oportunidade de perceber o quanto suas construções e produções são significativas e importantes para si e para os outros.

Acredito que seja fundamental conhecer referências teóricas acerca do meu campo de estudo, nunca as tomando como verdades a serem aplicadas, mas sim, como temas a partir dos quais posso construir diálogos. Conhecer os princípios norteadores da Instituição Pikler-Lóczy pode me ajudar a pensar nas minhas práticas, a visibilizar coisas que poderiam ter ficado escondidas, a criar diálogo e novidade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **As especificidades da ação pedagógica com os bebês**. In: BRASIL. Ministério da Educação. Consulta pública sobre orientações curriculares nacionais da educação infantil. Brasília, DF: MEC/SEB/COEDI, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15860&Itemid=1096. Acesso em 16 dez. 2012.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; RICHTER, Sandra. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. **Educação UFSM**. Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 85-95, jan./abr. 2010.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; RISCHTER, Sandra. **Desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos**: qual currículo para bebês e crianças bem pequenas? Salto para o futuro: educação de crianças em creches. MEC, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2006c. v.2.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de educação infantil**: Encarte 1. Brasília: MEC, SEB, 2008.

BRAVO, R. S. **Técnicas de investigação social**: teorias e ejercicios. 7. ed. Ver. Madrid: Paraninfo, 1991.

DAVID, Miriam; APPELL, Geneviève. **Lóczy, una insólita atención personal**. Barcelona: Octaedro / Rosa Sensat, 2010.

FABRÉS, Montserrat. En el día a día nada es banal, nada es rutina. **Infancia**, Barcelona, n. 100, p.14-17, nov./dez. 2006.

FALK, Judit. 'Lóczy' e sua história. In: FALK, Judit. (Org.). **Educar os três primeiros anos**: a experiência de Lóczy. 2. ed. São Paulo: JM, 2011. P. 09-32.

FALK, Judit. **Mirar al niño**. FUNDARI. Asociación Internacional Pikler (Lóczy), Argentina: Ediciones Ariana. 1997.

HEVESI, Katalin. Relações através da linguagem entre educadora e as crianças do grupo. In: FALK, Judit. (Org.). **Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy**. Tradução de Suely Amaral Mello. 1. ed. Araraquara: JM, 2011. P. 47-56.

MENDONÇA, Cristina Nogueira de. **A documentação pedagógica como processo de investigação e reflexão na educação infantil**. 2009, tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; OLIVEIRA, Eloisa Raquel de; MESSINA, Virgínia da Silva. **Deixando marcas: a prática do registro do cotidiano da educação infantil**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

TARDOS, Anna; SZANTO-FEDER, Agnès. O que é a autonomia na primeira infância? In: FALK, Judit. (Org.). **Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy**. Tradução de Suely Amaral Mello. 2. ed. Araraquara: JM, 2011. P. 33-46.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. **Ser Professora de Bebês: um estudo de caso em uma creche conveniada**. Florianópolis, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.